



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 416 — Preço 1\$00
20 DE FEVEREIRO DE 1960



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

30.000 x 20\$00 = 50 CASAS

«Faltei no fim do mês passado.

Desculpe, mas não me foi possível cumprir, como é meu desejo sincero de ajudar, sempre e enquanto possa, os que precisam e a isso têm todo o direito.

São 80\$00 para as Casas (30.000x20=50) e 20\$ para

a chuva de novelos de lã, para Ordjns.

E, sempre que possa, cheio de fé, vou ajudando.

Que Deus encaminhe os que podem, no envio da sua ajuda aos necessitados.

Creia-me com o maior respeito e desejos das maio-

res ajudas, para bem dos nossos Irmãos.

Silêncio».

É de Lisboa. Termina por pedir silêncio. Mas não; o Evangelho não consente, pois manda aos discípulos do único Senhor e Mestre («Chamais-me assim e dizeis bem, porque O sou») que preguem sobre os telhados a mensagem que Ele mesmo lhes revelara em seus ouvidos.

Ora na simplicidade do segundo parágrafo desta carta há uma afirmação terrível. Eu digo terrível, porque ela nos obriga a ir muito longe, até onde a Graça nos levar. Talvez por isso, por temor e resistência à Graça, será que entre os 92% que em nossos censos se dizem católicos, é tão rara uma tal consciência.

Todo o homem honesto, naturalmente honesto, compreende a Justiça comutativa. Mas o conceito é mais pela negativa. «Dar a cada um aquilo a que esse tem direito» significa para a maioria «não tirar a ninguém aquilo que lhe pertence».

Este conceito era natural e bom... antes de Cristo. É natural e bom onde Jesus ainda não semeou o Seu Reino. Porém, não satisfaz em uma Nação, que terá sido, talvez, «fidelíssima», na qual existe a liberdade de se afirmar cada um aquilo que não é. «Eu sou muito religioso...»; «eu tenho a minha religião...» —ouve-se a cada passo! Como se a religião fosse uma realidade subjectiva, de que cada um se possa instituir juiz — e não, em verdade, um elo objectivo que liga o homem a Deus, pela conformação deste ao Pensamento e à vontade de Deus!

Se o cristianismo de alguém se mede, pois, objectivamente, pela intensidade desta conformação, ao menos intencional — nós, querendo usar legitimamente o nome de eristãos, temos de considerar, a respeito dos direitos do homem, que Deus pensou em cada homem que veio e virá a este mundo quando fez o mundo. Portanto este é para todos os homens de todos os tempos. E o que detém em suas mãos valores temporais que sobram do necessário à vida mortal, roubará à sua vida eterna, senão

Continua na página dois



M momento histórico longínquo, Cristo derramou o sangue pelo resgate dos homens de todos os tempos. Hoje não sofre. Vive glorioso. No entanto, porque o drama da Redenção prossegue no tempo, Cristo suscita manifestações visíveis do seu martírio sangrento. Escolhe vidas que, no sofrimento, prolongam e avivam aquele sofrer de então. São os doentes. Por isso, em casa repleta deles, como o Calvário, não há outro assunto

senão Cristo, mas Cristo crucificado nos Seus membros. Por vezes, nestes leitos, as chagas são profundas. A dor torturante. O abandono cruel. E, porque tudo é intenso, também Cristo melhor se revela. A fé é o clemente de conhecimento. A luz que clareia. Por ela os doentes transcendem-se, falam da Cruz. Murmuram o mistério da Redenção em que colaboram por chamamento do Senhor. Sofrem por nós. Ora, em consequência desta doutrina, não podemos deixar de amar com todas as forças estes enfermos. E, tanto mais diminuídos, porque configurados com Cristo de quem são a actualização junto de nós. Precisamos de amá-los, sim. Porque só o amor sublima a baixeza. Só o amor suporta com alegria o peso naturalmente incómodo que eles constituem. Só o amor sublima a baixeza. Só o amor dela se aproxima, para aí descobrir o penhor seguro de salvação que nos é dado. O mundo porfia em recusá-lo. Pelo desprezo a que são votados os doentes que vamos recolhendo, avaliamos quão insensatamente o mundo sacode o dom providencial que o pode salvar. Dom bem sensível que são os doentes. Doentes que são Cristo neles e por eles Redentor. O mundo afasta o doente. Não o ama. As frias relações humanas revelam mesmo a ausência geral de amor pelo semelhante. Ora, o homem só se há-de salvar amando. Deus assim o quer e exige. A Sua Lei no-lo dita. Mas a mundo não o entende e furta-se ao convite.

Eu já conhecia o Senhor Artur. Depois do que soube fiquei mais amigo dele. Muito mais. E quem vier ao Calvário há-de como eu apaixonar-se também por este paralítico, que vivia na tão formosa e apreciada região de Cascais. Barraca de madeira, ao sabor de tantas que são vergonha dos responsáveis, era a morada. Nora ainda nova, o escasso carinho das horas sombrias. Esta, porém, cansada talvez, desanda para falso lar, deixando o pobre entredado sôzinho na mansarda. Inconsciência? Dir-se-á que a sociedade anda doida num retrocesso espantoso a ambiente infra-animal. O Ti Lobato chama-me vezes sem conta, para observar o cuidado dos bichos com as novas crias. E a sociedade faz-me outro tanto para eu colher as manchas negras do seu proceder. Quando a fé não nos guinda ao nível para que fomos criados, tornamo-nos piores que animais selvagens.

Com o Senhor Artur, veio a Senhora Angélica. Outra doente. Idêntico sintoma. Algarvia de nascimento, serviu na capital em casa de gente boa. Entretanto adoece e recolhe ao hospital. Mas, porque o mal, que a prostrou, se declara incurável, ela, que não tem família, também agora não possui amigos. Não podendo curá-la coagem-na a dar lugar. É a lei. É o clima glacial onde o calor da caridade cristã não se faz sentir. Onde a fé não transfigura em Cristo o doente que sofre. Tudo aflição. Tudo ânsia de a ver fora de qualquer canto, longe das costas.

Só o amor suavisa o convívio humano. Sem aquele, que peso insuportável são os doentes para o mundo não poder com eles! Que fardo!

Dom sublime o da fé! Que panorama diferente e tão belo esta nos apresenta! Como o próximo se nos torna presença querida àque-la luz!



FESTAS

Começo sobre uma grande discussão: Qual o título desta local? Um quer que seja: Nós vamos ó Coliseu; outro diz que não, porque nós vamos também a Coimbra, a Lisboa e a Setúbal, e portanto não se justifica no título apenas o nome do Coliseu; outro sugere que se deixe o título para depois. E eu cá, que nunca tive jeito nenhum para apadrinhar, não sei que nome bote. Quando os senhores lerem esta notícia, saibam, pois, que à hora de a escrever, para mim, ela é sem nome.

O que é certo é isto, se o Pai do Céu não dispuser em contrário: Nós vamos ó Coliseu do Porto, no dia 24 de Março; e ao Avenida, de Coimbra, em 28 do mesmo mês; e ao Império de Lisboa, em 29; e ao S. João, de Palmela, em 30.

Onde se sabe das festas já se levanta o rumor da expectativa. Um eco:

«Rejubilei com a notícia dos «Gaiatos» virem apresentar-se ao público de Lisboa.

Sugiro que «O Gaiato» receba desde já pedidos de Lisboa para o espectáculo daqui, para avaliar a lotação necessária. E lembro para soluções de maior número de espectadores, e condições mais vantajosas: o Pavilhão dos Desportos ou o Coliseu dos Recreios.

Se precisar que averigüe aqui alguma coisa, é favor dizer».

Ora, meu senhor, é ao Império. Nem Coliseu de Lisboa, nem Pavilhão dos Desportos. São muito grandes. Ficávamos muito longe do nosso público. E nós não vamos por aí abaixo dar um espectáculo de arte. Vamos confraternizar. Há muitos anos que o fazemos no Porto e sempre as nossas festas se têm encerrado em círculo familiar: metade do lado do palco; a outra do lado da plateia. É uma visita anual de amizade em que retribuimos à cidade que todo o ano nos visita. É uma visita reclamada. O ano passado não pudemos ir e logo muitos manifestaram o seu desgosto. Ora assim como o Porto relativamente ao Lar, a Paço de Sousa e Beire, também Coimbra relativamente ao nosso Lar na Lusa Atenas e à Casa-Mãe de Miranda do Corvo, e Lisboa relativamente ao respectivo Lar e ao Tojal; e Setúbal relativamente à sua Casa do Gaiato.

É por isso que nós vamos por aí abaixo e das outras casas vêm por aí acima: para dizermos ao Porto, a Lisboa, a Coimbra e a Setúbal que amor com amor se paga. Já vê meu bom senhor, que no Coliseu de Lisboa ou Pavilhão dos Desportos, ficávamos muito longe uns dos outros para nos vermos; e seria preciso gritar muito para nos ouvirmos; e nem sei como havia de ser para nos abraçarmos.

Atenção, pois, Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto. É na última semana de Março. Começa em 24 a romaria e acaba em 30.

No próximo jornal havemos de subir um bocadinho o pano sobre o sensacional programa e dizer aos públicos do Centro e do Sul (que o do Porto já sabe o costume) onde e como hão-de adquirir os bilhetes — não vão ficar sem eles!

Padre Baptista

Esta é a primeira carta escrita de Espanha. Dirigida ao irmão P.e José, dela é enviada cópia ao grande Amigo do Funchal, datada de 1 de Novembro de 1923, com o seguinte recado: «S. Quando me escreve?»

Saudades a todos».

Pois que a minha vida neste retiro se compõe de duas partes inteiramente diferentes, material e espiritual, necessário se torna que eu te fale de cada uma delas em particular, começando pela primeira: —

O noviciado é um ex-solar que os Franciscanos compraram em tempo e que com o decorrer dos tempos e trabalho próprio, adequaram a uma vivenda para os noviços em forma de convento. Está situada no coração dum formoso vale, e estamos rodeados de altas montanhas. Imagina a Calçada. E imagina ainda a nossa casa no Bairro para te dar uma ideia sintética do que vem a ser a casa e cerca; a casa será a nossa, mas esta, já se vê, maior e noutras condições e a cerca será o campo da porta e Gonda, mais a tapada de dentro. Do grande sossego e solidão que aqui se disfruta, falar-te-ei na parte espiritual da minha vida, pois que estes dois predicados muito a afectam. O meu horário é o seguinte: — às 5 horas levantar, meditação, missa e comunhão e tomar café. Das 7 às 7,30 pequeno passeio pela cerca. A seguir faço a minha cama e preparo-me para o latim, cuja aula é das 9 às 11. Até o meio dia

nova deambulação pela cerca. Ao meio dia jantar, até 1,30 passeio pela cerca, até as 3 recolher, das 3 às 5 estudo, das 5 às 7 passeio etc. a seguir temos capela até às 8.

Temos depois a ceia e às 9,30 silêncio.

A alimentação é excelente e de base muito racional, vegetais. Tenho ao almoço leite em abundância, pois temos vacas. Tenho ao jantar sopa e dois pratos.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Alegremo-nos todos no Senhor, pois é chegado o Seu dia. Tanto temos esperado e eis que finalmente se aproxima: é a tarde de domingo, dia 6 de Março.

Vai ser um acto todo espiritual. Não faltará sequer a presença da Imagem de Nossa Senhora de Fátima que tem andado a peregrinar por toda a Diocese de Coimbra e nesse dia será levada em cortejo da Igreja de Santa Cruz até perto da Adémia, ao local onde serão entregues as casas. Vai ser um cortejo triunfal.

Nossa Senhora será a testemunha e portadora das nossas homenagens até Seu Filho e nosso Irmão e Este as levará ao Pai Celeste. Que Deus as aceite para nosso bem.

Este grupo de vinte casas são um hino de amor. O que parecia impossível a princípio, tornou-se realidade. Quanto de amor e sacrifício e perseverança e fé nos falam aquelas casas semeadas na encosta, por entre oliveiras! Por isso, lhe chamamos hino de amor!

Todos os que colaboraram não-de sentir a alegria do seu sacrifício. Estão ali tantas gotas de suor! Todas aquelas pedras e tijolos e telhas e vidros e tudo, são resultado de amor. Há ainda tantos conimbricenses que não fizeram nada! Mas ainda estão a tempo. Que o não desperdicem.

Nesse dia a nossa alegria ainda não será completa, pois a casa-mãe, com centro social e habitação para as Criaditas dos Pobres e pequeno oratório, ainda mal sai dos alicerces, por causa do último inverno. Para esta casa e acabamentos das outras faltam mais de duzentos contos. Eu espero que naquele dia e naquele lugar Deus toque mais corações.

O meu apelo a favor do recheio das casas foi bem recebido. Têm vindo vozes de muitos lados. Sei de grupos com novas cotas para a mobília, mas ainda há muitas casas sem nada e nós não as podemos entregar despidas. Resolve-te ainda hoje!

Como não há convites especiais, ficamos todos convidados. Que ninguém falte. Até dia 6 de Março à tarde, se Deus quiser.

Padre Horácio

FACETAS DE UMA VIDA

Teria às 4 chá ou café, mas não quero tomar nada porque depois no Noviciado nada tenho, e por consequência mal me iria habituando-me agora ao que depois não posso ter. Tenho à ceia sopa e um prato. Servem-me as refeições na pequena sala de estar. O cozinheiro indigna-se comigo porque, diz ele, não como nada. Ora a verdade é que eu como muita bem, mas não posso comer evidentemente o que ele me manda nos pratos, quero dizer, a quantidade que ele manda. Sirvo-me apenas do que posso comer e nada mais, mas na opinião dele eu deveria comer tudo. De resto, os cuidados do Rev. Padre Guardião sobre a minha alimentação, ultrapassam todos os cuidados que se possa ter com alguém.

Por enquanto vou com o latim e com ele ficarei durante mais dois meses. Tu, que sabes as línguas que eu sei e sabes mais o latim, compreendes perfeitamente as dificuldades que se me oferecem a princípio, que não são de resto dificuldades, tão somente massada. Mais tarde começarei com rudimentos de lit., história, geog. e ciências naturais. O meu professor é o Rev. Padre Vict. Temos pois que, conquanto à primeira parte da minha vida, tudo me corre bem, tendo a notar de uma forma particular as grandes atenções que toda a Comunidade me dispensa, tanto nos estudos como nas horas de recreio e o que sobremaneira me agrada é aquela hora desde a ceia ao silêncio, que a passamos na sala de estar, todos em alegre converso. Apenas me custa levantar cedo, mas tudo é hábito.

Passando agora à parte espiritual da minha vida que é de resto a mais importante e aquela que decidirá da minha permanência na vida que me propus seguir, teria eu imenso que te dizer se me fosse fácil o poder explicar as intermitências que se dão e que eu dia a dia sinto. Sendo facto deveras para me surpreender o de eu, enquanto

hóspede em Tuy durante dois dias sofrer horrivelmente, e aqui, aonde sou de facto e desde o dia em que cheguei um prisioneiro, ter tido apenas um dia de crise, o dia seguinte ao da minha chegada. Tive, sim, umas horas de verdadeira dor, que as passei em convulsões de lágrimas, mas desde então para cá nada mais senti. Pelo contrário, sinto-me perfeitamente bem e tão bem, que dispensei a tua visita aqui por minha causa, pois desejo que também compartilhes, ainda que por poucos dias, do grande bem-estar, da grande solidão e do muito silêncio que aqui disfrutamos e de que eu gosto infinitamente. Como eu hei-de lastimar todos os que me não-ão chamar demente, quando vierem a saber do meu destino! Não desejo por forma alguma deitar foguetes antes do tempo, mas se Deus me conservar o espírito em que hoje vivo, digo-te na plenitude da verdade que razão alguma humana me poderia demover dos meus desígnios. A grande solidão aqui, Padre, que maravilha. Santa gente, santa

república, que sabe com tanto acerto e com tanto fruto, dividir todas as horas que os dias têm, desde as 5 am. até às 9 pm. Como tudo aqui trabalha, que bem se conjuga o trabalho material com o espiritual. Como todos, após a saída dos ofícios Divinos, seguem na melhor ordem para os seus trabalhos, na cerca, nos quartos, na cozinha, e no escritório. Logo de manhã, o noviço que nos bate à porta das celas, entoa, qualquer jaculatoria, de que apenas tenho apercebido isto: «Louvemos o Senhor». O mesmo noviço, à noite e à hora do silêncio vem aspergir água benta e da mesma forma entoa uma nova oração, com igual piedade e significação. Há horas de silêncio rigoroso e então eu fico por longo tempo extasiado, à janela da minha cela, a contemplar a beleza que dela se disfruta e a gozar o morrer das ondas do Atlântica na praia, cujos gemidos me chegam aos ouvidos aqui, e vêm pôr uma nota ainda mais sensível da vida alegre do meu espírito. O mar fica a 20 minutos.

E tenho dito, Padre. A carta da minha ida para Ale. segue breve, mas eu suponho que será melhor Austrália, em negócios, e isso será melhor. Assim há-de ir, pois. E conta daí o que me pode interessar.

Américo Aguiar

30.000 x 20\$00 = 50 CASAS

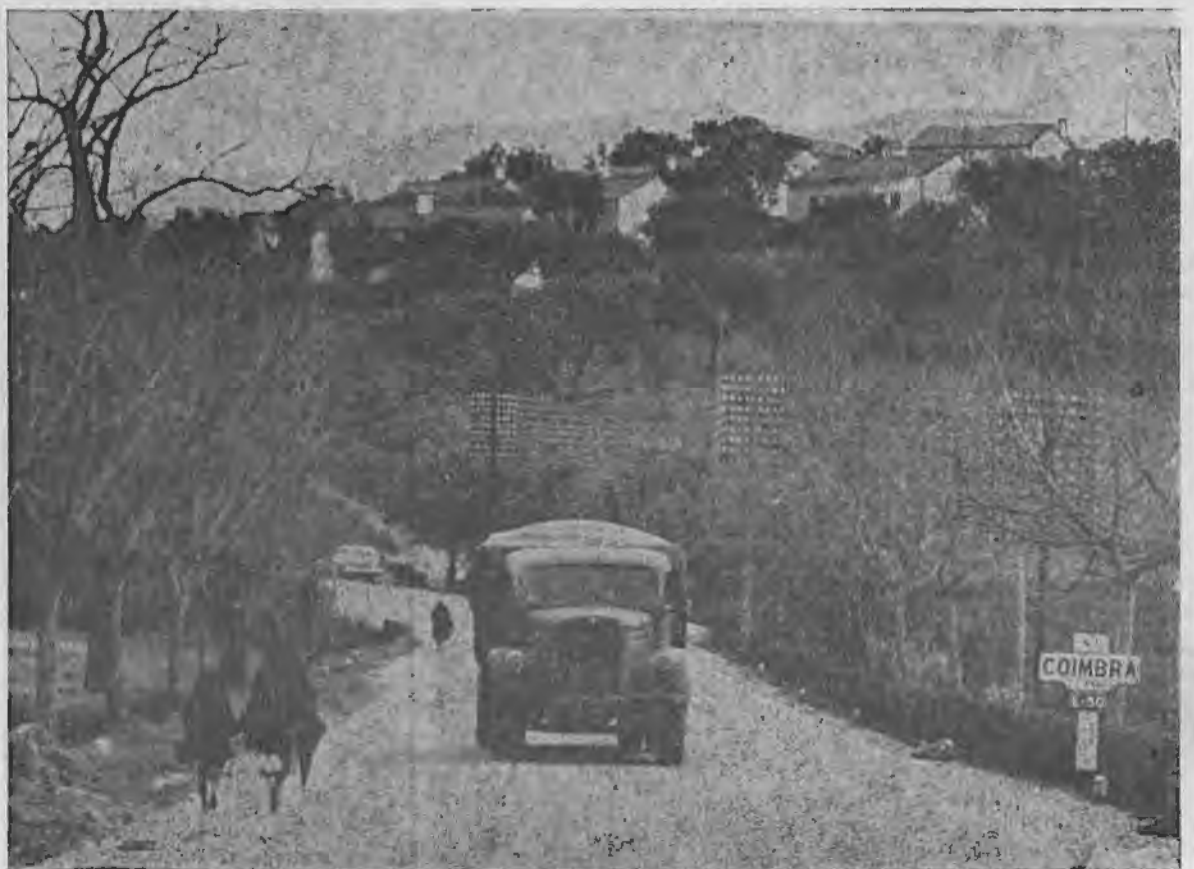
actuar como administrador desses bens, por cujo rendimento (o melhor possível em favor de toda a humanidade) é responsável perante o presente e o futuro.

O próprio conceito de Justiça comutativa vivido até às últimas consequências (que é procurar a total identificação com o pensamento de Deus, Criador e nossa Providência), nos conduz, afinal, ao conceito de Justiça Social, de que tão raros têm consciência.

Se estas minhas palavras foram capazes de elucidar, voltemos ao nosso correspondente amigo: «...é meu desejo sincero ajudar, sempre e enquanto possa, os que precisam e a isso têm todo o direito...».

É verdade!

Os que precisam têm todo o direito de ser ajudados, sempre, na medida em que há sobras na Família humana. Esta tem o dever de cuidar dos seus membros fracos e incapazes por si mesmo de angariar subsistência. É um mandamento colectivo, que cada um deve tomar sobre si, na proporeção das suas posses sobran-tes. E este cumprimento individual do mandamento colectivo, eristamente falando, deve ser livre, brotando espontaneamente da consciência afinada pelo conceito social da Justiça, e por isso mesmo não regulado até ao extremo limite por leis matemáticas, ficando sempre lugar às sugestões de Graça, sentidas recentemente pelas consciên-



Setúbal

MAQUELE dia a Casa do Gaiato pareceu-me linda. Duma formosura igual à de um cento de valores humanos, ontem perdidos e hoje encontrados. Eu tinha ido buscar mais um. Era para trazer três mas não pôde ser — só um.

As vicentinas tinham-me pedida: — Vá lá Padre, vá ao menos ver. O Senhor Prior também: — Então quando é que lá vai? E uma e muitas vezes!

Fui. O edifício não me era estranho. A densidade populacional também não; mas só naquele dia compreendi.

Guiado por habitantes do mesmo prédio que ao verem-me suberam a que vinha, subi seis lanços de escadas, atravessei varandas prá esquerda, e prá direita e entrei numas águas furtadas onde me puz a par de toda a situação. — Um quarto que não media mais de 4m x 4m, baixo, cravado de frestas por onde chovia coma na rua, era todos os aposentos para aquela milia, agora, de sete pessoas. Uma cama larga onde se via só a encherga, ocupava metade do compartimento. Um arcaz velho e carcomido uma parte e a outra era para tudo de dia e de noite, leito para os Pobres seres humanos.

A consequência lógica do ambiente reflecte-se nas vítimas dele. «O meu marido morreu com a fraqueza». Foi o motivo que alegou uma mulher queimada na casa, dando indícios de certo desequilíbrio mental. Era a mãe, o filho mais velho de vinte anos embebida-se e não quer trabalhar: «porque não sou obrigado a sustentar os filhos de meu pai». Um outro, de dezasseis anos, bate na mãe, quando não tem de comer. Uma de treze anos está no Sanatório e três mais pequenos esperam, ainda a tempo, por salvação. Trouxe apenas um. Se costumava andar cheio, naquela noite vinha a transbordar. O povo do edifício enchia a praça.

Cada um comentava a seu modo. Eu deixava ainda dois a tempo de se lhe dar a mão e par isso sofria. E quem não sofre? Quem? Não é preciso ser-se cristão para sofrer, basta ser-se humano. E há ainda tantos para quem milhares de problemas deste género são uma coisa banal que não incomoda. Eu dou testemunho.

A furgoneta rodou e chegámos a casa.

De longe avistamos as duas escolas, cheias, bem iluminadas, acolhedoras, espaçosas e limpas. Dois caadieiros iluminavam o

eias diversamente delicadas. Por isso o autor desta carta, que mede o direito de buscarem de si os que precisam, pelo valor em cada instante das suas posses, insiste: «E sempre que possa, cheio de fé, vou ajudando».

E, como é lógico em quem tem um sentido tão profundo da Justiça Social, ele aspira para os outros membros válidos da Família humana a mesma consciência: «Que Deus encaminhe os que podem no envio da sua ajuda aos necessitados».

x x x

Afinal a crónica da Campanha, resultou um artigo do doutrina, graças a esta carta tão simples e tão profunda!

Aí vai a soma de quanto chegou desde a última vez: 2.580\$00.

útrio onde um belo pomar se desenvolve em pujança e as avenidas por onde corriam alegres, ligeiros e felizes os mais pequenos a expandir felicidade a jorros. Entro na capela para desabaçar com Deus e o ambiente era sedutor. Numa sala ao lado doze estudantes preparavam as aulas dos cursos nocturnos e diurnos, com seriedade. Noutra os que aprendem de pedreiros e têm trabalhado muito nas nossas construções, liam, em descanso legítimo das fadigas do dia. Na cozinha a azáfama e as grandes complicações de sempre. Na sala de costura três ajudavam as senhoras a passar a ferro, escolher e arrumar a roupa. As galinhas, as vacas e bois, os porcos e as ovelhas foram tratados conscientemente. E eu achei linda a Casa do Gaiato. Nunca como aquela noite, nunca como naquela hora!

Ora eu sou contra as Casas do Gaiato. Já tenho repetido. Elas são um remendo necessário, mas não deviam existir. A família. Esta sim. Aqui está a chave. Ai o ná de todos os problemas. Família com subsistência e assistência. Ai sim, mas a tempo. Que ele há muitos já sem remédio e em Setúbal não têm conta. Por isso a Casa do Gaiato tem de se desenvolver, para ser remédio. Os seus seios e as suas entranhas têm de se ulargar. Os casos que a cada hora se nos apresentam são de tal acuidade que a lentidão seria um crime. Toma parte nesta campanha. Eu trouxe só um. Ele veio passar os cem—o limite que Pai Américo marcou, para se fazer bem o pouco que se pode fazer.

Padre Acílio

PEDIDO

Um nosso grande amigo, ora desejoso de ter a colecção completa do Famoso, precisa dos seguintes números esgotados:

1, 9, 10, 24, 26, 39, 43, 44, 46, 50, 52, 53, 54, 57, 63, 64, 65, 67, de 70 a 170 (inclusive) e 174, 185, 186, 190, 191, 195, 402.

Se os nossos leitores que não colecionam puderem dispensar os citados números, muito agradeceremos o favor de no-los enviar.

Chales de Ordins



E Sandim e do Porto, madeiras e mais madeiras para a Casa de Jesus Misericordioso, que está por pouco. Mas até lá, muito haverá a sofrer com trolhas e carpinteiros e ferreiros e electricistas e contas e mais contas.

De Newark (E. U. A.), um fardo de roupa para a «Rua da Caridade, 16». Até na América acharam graça à graça daquele senhor da Fundição de Oeiras! Também o Cândido, sempre delicado e generoso, cá veio dar — só se enganou no número! — com a sua coti-

zação mensal para esta Casa, mostrando não ser a sua generosidade fruto de um ímpeto que dura um instante e nada mais. Quero-te ler muitas vezes, mesmo escrevendo-me para a «Rua da Caridade, 100».

Para Santo Tirso pedi dois cobertores para agasalhar duas velhinhas, que o frio era intenso, e logo vieram, acompanhados de 3 camisolas.

Nem todos os que enfileiraram na procissão dos «novelos» têm sido fiéis. Como se trata de penitência, espero-os entre os penitentes e arrependidos. Já há meses que Lisboa não falha com 20\$. De Corgas, o mesmo.

Os nossos chales, camisolas e écharpes continuam a merecer a atenção da Capital. Letra conhecida e 300\$ para um dos grandes. Digo à Rua de José Maria Rodrigues que parecem não servirem para robes. O que talvez dessem os nossos chales era para as colchas de cama, mas somente se poderia pensar em tal, no caso de haver encomendas bastantes que compensassem os gastos que se fariam com a construção dum quadro especial.

Da Rua de Moçambique, carta muito amiga e 3 chales. Na Av. do Duque de Ávila pensa-se numa exposição de artigos manufacturados em Ordins. A Rua de Carlos Mardel anda contente, que nem gato com rato. Vai-se a ver e é um dos nossos chales: «realmente é muito bonito e sobretudo muito quentinho, e com estes dias frios que têm estado só lhe digo que me tem feito um jeitão». Para o Hospital de Santa Maria foram dois.

A Avenida de António A. de Aguiar é das mais zelosas. Ou-

tra vez por cá. A Rua de Entre-Campos é já nossa conhecida. Agora são duas écharpes. Outras tantas para a Rua da Escola do Exército. De novo, por cá os Serviços de Electricidade e Comunicações do Ministério da Marinha. Vai aqui também a travessa da Portuguesa. E, por último, aquela senhora que mensalmente vem aos chales, com carinho da primeira hora.

Corgas envia dois para as benenitas. Gaia gostou e tornou. Outra vez Gaia. Godim com dois escreve: «os meus jornais depois de lidos, mando-os para o Hospital, na esperança de que fagam bem a alguém».

S. Paio de S. Pedro de Alva lembrou-se do Barredo e de Ordins. Um dos nossos chales une-nos num mesmo amor. Alguém mais se lembra do Barredo: «para comprar um chaile para aquecer uma pobrezinha». Eram 100\$.

Castelo Branco é nosso conhecido. Agora vem por duas écharpes. E, depois de Viseu, fecha a procissão com a Ilha de Moçambique, que resolveu agasalhar alguém, na Metrópole.

Um grupo cada vez mais numeroso de raparigas andam a aprender malhas. É tudo, por ora, à mão, pois não nos apareceu ainda o Senhor da máquina de tricotar. Tudo à mão, moroso, mas perfeito. Continua à vossa disposição a

Casa de Jesus Misericordioso
Ordins — Lagares — Douro
Padre Aires

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE LISBOA

Amáveis leitores:

Não sei se têm tido conhecimento do que se tem passado no Lar do Gaiato de Lisboa.

Ultimamente registaram-se dois casos os quais há muito não se registavam.

Um desses casos até agora foi a primeira vez que se deu. Já deve ser do conhecimento dos leitores a sensacional estreia da nossa equipa de futebol, mas deixando o desporto, porque desta vez não há tempo para mais e, passamos aos assuntos de mais importância.



Eleições; um caso que se não registava havia mais de dois anos.

O Lar de Lisboa andava um pouco desorganizado pela falta de um chefe, nós tínhamo-lo, mas a sua vida não o permitia fazer melhor organização.

Os rapazes, acompanhados do Sr. Padre José Maria, metem as mãos à obra.

Passados alguns momentos estava precisamente Jorge Gaudino Moniz Lopes, com o poder de chefe no Lar do Gaiato de Lisboa.

Nós é que quisemos que ele o fosse e foi. Ele é que nos vai meter no caminho que precisamos, para ganhar a simpatia e amizade dos nossos leitores. Esperamos que quem o conhe-

cer não nos diga que a escolha foi má, do mesmo modo esperamos que ajudem o nosso Lar... E também o Clube...

Ouviram-se vários discursos.

O ponto fundamental desses, era a camaradagem no nosso Lar.

Agostinho Coelho (Lampreia)

LAR DO PORTO

Amigos leitores desta minha modesta crónica, cá me tendes uma vez mais, como fornecedor das notícias que por este Lar ocorrem.

Em primeiro lugar, quero expressar o nosso agradecimento ao Sr. Padre Manuel António, que nos mandou uma pipa de vinho, de 100 litros aproximadamente, e que maravilha!

Pensou-se em dar à malta, duas vezes por semana mas, bem estudado o assunto, conseguimos obter autorização do Sr. Padre Carlos, para que fosse uma vez por dia «ao almoço».

O problema dos talheres, está quase eliminado, graças a mão amiga, que de Guimarães nos fez chegar 25 «inoxidáveis» completos, acrescidos de algumas colheres de chá; enfim conseguimos passar à reforma, a quase totalidade dos nossos de alumínio, com algumas mutilações próprias do uso.

Também recebemos 12 magníficos bolos-reis, da confeitaria «Lobitos», que fizeram muito jeitinho, pois até ao momento, não tínhamos recebido nenhuns. Neste andamento, acabaremos por igualar Paço de Sousa que, como os meus amigos leitores já devem ter conhecimento, pelas crónicas últimas, foram igualmente contemplados com uma esplendida oferta, duma admiradora, que anualmente está junto deles.

E já que estou com a mão na massa, quero deixar o nosso agradecimento às vendedeiras do «Bilhão», que nos têm oferecido muitos géneros alimentícios, bem como: carne, ossos para a sopa, hortaliça, peixe, flores e muito mais que não vale a pena enumerar.

—A nossa sala de leitura e estudo, que também serve de sala de visitas, caminha lentamente para o que aspiramos. Já temos uma estantezinha

«envidraçada», onde já se encontram livros que possuíamos porém, tem ainda espaço para muitos mais, que esperamos ocupar com as vossas ofertas, de autores consagrados, pois que também cá temos amantes da boa leitura. No entanto, os miúdos optam pelas aventuras.

Alberto de Almeida

TOJAL

O artigo de hoje é diferente. Revela tristeza de quem escreve. Por isso, desculpem-me se me afastar do que estamos acostumados.

CONFERENCIA: Saio portão fora para visitas. Dia cinzento, adivinho invernia rude. Não hesito e sigo caminho. Chego. Então, converso por momentos a saber novas do último encontro até agora. São sempre de escassos minutos estes encontros.

—Tenho passado mal, Sr. José! Sa-be?! É o meu mal; são as ralações dos meus; é a velhice. Por tal sorte a doença não era de cuidados grandes. Dirijo-lhe palavra de resignação. Suportada, saio porta fora e eis-me de longada. Com o espírito concentrado não reparo em quem me acompanha. Não faço por mal. Tenho sido mal falado fora por não atender a quem passa, nem sei. É um hábito que não me deixa. Também não é sempre. A meio caminho o tempo surpreende-me furioso. A chuva cruza-se e forma nuvens. O vento sopra violentamente e estaca-me o passo desordenado. Uma velhinha num postigo presenciava melancólica o vendaval. Pedi-lhe abrigo e amavelmente cedeu. Então sacudo as gotas de água soltas na roupa. O corpo sentia-se incomodado em tê-la de enxugar. Acalmei. Agitei-me! Ouço pingar. Baldes, latas disseminadas a recolher a água que vinha de fora. Olho o tecto e não vejo senão bocados de telha e as nvens a movimentar-se velozmente. Mais ao lado, uma cama muito velha protegida dum guarda-chuva, não menos gasto. Adianto-me um pouco e uma grande parte do tecto caído pela podridão das ripas. Um rego rasgado para vários lados do pavimento térreo era o efeito evidente.

Zé do Porto

ÁFRICA

«Os seus jornais chegam aqui tão atirados e tão «atropelados» (números de Fevereiro em Agosto, números de Junho em Dezembro) que às vezes quer a gente socorrer um caso apontado no jornal que estamos a ler e «já não vale a pena», porque passaram 4 ou 5 meses depois que o indicaram. A meu ver, os jornais deveriam chegar com maior regularidade e «sem saltos», isto é: sem haver lacunas na sequência, porque acontece estarmos a ler uma notícia que se refere a outra que nunca lemos porque esse exemplar do «Famoso» nunca nos chegou às mãos. Primeira coisa, portanto: mandem-nos os jornais em devido tempo, sim? Ficaremos assim — nós os do Ultramar — informados do que fôr precisando de nós, a tempo de valermos.

2.º assunto — Porque é que de vez em vez, não põem as moradas das vossas casas? Leio o vosso jornal e vejo que na «Conferência» do Porto, ou noutra qualquer, precisam disto ou daquilo de que eu tenho «montes» cá em casa. Quero mandar. Mas... para onde? Depois da assinatura de quem escreve a pequenina notícia, porque não aparece a direcção para onde mandar o que pedem? Creia que seria importante, como meio de «canalisar» o que, por estas terras sobra e se perde e a vós faria bom jeito.

Veja, V. Rev. cia o que se passou comigo: li do que se passava em «Belém de Viséu». Quis mandar roupas. Mas para onde? Nessa altura nem sequer diziam que este Belém ficava em Viséu!...

3.º assunto — Como V. R. cia sabe os portes de correio são caros e as encomendas estão sugeitas a pesos determinados e a mil complicações de cordéis «assim» e lacres «assado». Quantas vezes temos que desatar o embrulho e refazê-lo! Sabe o que seria óptimo? Conseguir que um barco qualquer — O «Moçambique»? — levasse dos diferentes portos, para Lx., o que lá entregassem, endereçado à «Obra da Rua», ou à «Casa do Gaiato». Quanta coisa não iria! A chegada do barco a Lisboa que houvesse quem procurasse sempre o que nele fosse. Acha bem? Se aproveitar a ideia, faça-a conhecer pelo jornal, sim? Não pense Sr. P. e Carlos, que eu ando só a pensar em encher a vossa Obra. Preocupa-me mais encher estas vidas, que por aqui andam cheias do mais que menos vale; canalizar para o alto o que se perde no rasteiro. Se eu o conseguisse...

Esta gente é boa, é óptima. Tem pela Obra do Padre Américo ternura sincera, mas... é preciso acordar o que, adormecido não lhes serve nem vos

serve. Já pensou que Moçambique poderia, sem sacrifício, dar-vos todo o arroz e todo o açúcar que os gaiatos gastam? Consiga-nos transporte, Sr. Padre Carlos, e eu tocarei à alvorada, sempre que o barco indicado por aqui aparecer.

4.º assunto — Gostava, precisava, de ter no Barredo uma família pobre, que não me conhecesse, mas que em servisse, para não me acontecer esta desgraçada coisa de gastar em bolos o que lhes falta em pão. Poderia fazer muito por ela. Preferia que tivesse crianças. O «conferente» que V. Rev. cia escolher, que me escreva directamente, que me fale da família que me escolher, e que me diga o que devo mandar, para que sejam menos infelizes. Preciso de para-raios, Sr. Padre Carlos... Tenho a meu cargo, numa aldeia transmontana, uma pobre cancerosa. Dou-lhe uma migalhinha por ano e ela reza por mim. Tenho-a como um dom precioso na minha vida, e queria «mais», para que nem tudo fosse posição social, na minha vida, mas esses amigos da minha alma conseguissem que eu tivesse «posição espiritual», que tanto, tanto me falta. O Barredo deve precisar da minha bolsa, do meu coração e meu interesse; eu preciso das dores do Barredo para a minha eternidade. Dê-mas por favor. Ponha-me V. Rev. cia em contacto com um dos membros da Conferência que trata do Barredo e nós cá resolveremos os dois um caso desse outro que o nosso egoísmo não extingue.

5.º assunto — Seria fácil, com algumas das gravuras publicadas no vosso jornal e uns textos simples e expressivos, como são os vossos, fazer-se um número especial, em que «aparecessem» todas as vossas obras, com a indicação das direcções onde elas funcionam. Esse número serviria para divulgação; seria como um sino a tocar perto, uma chamada à generosidade e às possibilidades de cada um que o lesse. Fale das casas que estão a meio caminho — para que as completem; fale do Calvário — para que eu, por exemplo, saiba onde fica e como funciona; fale do Barredo e do mais que a vossa caridade descobriu ou criou, para nosso remorso e nosso dever: Não se pode amar o que se não conhece, nem mandar coisas para onde se não sabe, e se não amarmos nem nos dermos, dando, o que será de nós, dos «felizardos» da vida morta?...

Reze por mim, por caridade. E pelos meus filhos. E pela minha alma, que anda pelo «Barredo», à espera dessas esmolas.

Pois vamos. Temos de ir. Não podemos confiar no correio,

nem em todos os modos que há de transmitir mensagens. Hoje, são tantos, tão variados, tão rápidos, tão tentadores! — que ainda não desfizeram a eficácia do «quem quer, vai; quem não quer manda».

Paí Américo tinha pensado esta viagem para 1956. Júlio seria o companheiro, por conhecedor e conhecido naquelas paragens. Se Deus quiser iremos os dois. Vamos, em resposta a cartas como esta. Pelos vistos, os correios «atropelam» a marcha regular do nosso jornal. A distância apaga notícias que lá vêm escritas. Mas o Ultramar é Portugal e a lonjura faz crescer a saudade. O verdadeiro amor não sofre com a separação. A respeito dele, não é verdade que «longe de vista» seja «longe do coração».

Nós bem sabemos que Alémmar muitos nos amam. A carta que aí vai, é uma de muitas, que eu preferi, porque, além da sua riqueza intrínseca, ela me pareceu começar zangada e acaba por se revelar apaixonada... por Deus nos seus Pobres e nos recoveiros deles.

Mas quantas e quantas aqui vêm dar! São muitos os dias em que o correio do Ultramar «se bate» com o de cá.

Por isso vamos, para dialogar com todos os que nos esperam e nos amam os assuntos propostos nesta carta e muitos mais.

Outra razão por que vamos são os vários rapazes que por lá estabeleceram a sua vida. Uns vão escrevendo; outros não dizem nada — e todos são da família e o seu bem não nos é indiferente.

E vamos, também, pelos muitos que cá estão e sempre teremos que lançar na vida. Eu queria trazer certezas que me permitissem garantir aos rapazes da lavoura que o seu trabalho é tão digno e tão correspondido como qualquer outro. Se lhes não puder abrir horizontes diferentes do que eles conhecem ao pé das nossas portas e sabem ser o teor geral do Continente — não poderemos prendê-los à vida do campo.

Não sabemos ainda quando é a partida. Não sabemos como vamos, nem por onde começar. Não nos preocupa a elaboração do programa. Só depois que ele tiver sido o conhecermos definitivamente! Basta-nos a esperança de irmos ajudar «a encher mais estas vidas, que andam cheias do mais que menos vale» e a certeza que a carta de hoje nos reforça: «Esta gente é boa, é óptima. Têm pela Obra do Padre Américo, ternura sincera...».

E assim, o acordar do que estiver adormecido será suave, misteriosamente suave, apesar de se chamar mais inquietação

O que nos dão no Tojal

O FERREÇO para a Obra da Rua 1.000\$ em nome de três anónimos pela saúde e felicidade de todos os três e que Pai Américo peça a Deus para abençoar os nossos lares. Visitantes e mais de Angola com 450\$00. Da Av. Rio de Janeiro, a pedir saúde prós seus, cem. Roupas aos vendedores. Uma ceia muito boa oferecida por algumas senhoras amigas que também a vieram cozinhar. Voltaram pelo Natal e já anunciaram outra vinda. Muito bem; e muito agradecido. No Lar um fato pijama, camisas, fruta e feijão. Senhora tão veneranda como amiga, mercearia todas as quintas-feiras. Dum «lisboeta qualquer», calçado e roupas. Mais a Senhora das camisolas, antiga senhora das meias, também agora sapatos e camisolas. Mais os costunados 50\$ mensais da Emissora Nacional. M. Tavares 40\$ e feijão e calçado. Mais um peru. E os cem mensais do Sr. Eng.º Gourinho. Do pessoal da Nestlé 174\$70, mais 193\$50. Dum pároco a quem fizemos um trabalho em ferro forjado para a Igreja, mais 400\$00 e doutra vez cem. Do 3.º Sector de Encomendas Postais, roupas para o Luis Manuel de outro Luis. Quem não agasalharia o pequenito que a mãe deixou na rua para ir ter outro à Maternidade? Eu apesar de me custar muito, àquela disse que sim. Duma senhora dos Anjos 120\$ e uma estudante amiga da Obra, volta com 300\$.

Empregados da Mobil com 1.300\$. de Out. 5.023\$. de Nov. 3.140\$ de Dez. Vejam esta dedicação. Já a transformaram em obrigação. Bolos e jogos e os costumados 40 litros de gasolina todos os meses oferta da Direcção. Como a Mobil é que não há! Tivéssemos assim um panhado de empresas interessadas e esta nossa Casa poderia ir muito mais longe. Assim, temos andado com mãos suplicantes a bater à porta dum e doutro. E até à das Igrejas, onde nos tem sido mais difícil entrar. «Nós também temos a nossa Obra... e mais isto e mais aquilo». Este ano só fizemos pedidório nos Mártires e honra seja a quem ouviu a missa do meio dia e pôs no saco 8.443\$80. E mais 20 cobertores, barbas de bacalhau e mercearias do Hospital de Jesus, e oito pares de sapatos. Cem para nós de quem nos veio trazer a Casa do Património do Liceu Francês Charles Lepierre. Se todos os Liceus de Lisboa fizessem o mesmo todos os anos? Que grande doutrina social os nossos jovens aprendiam. Abençoados mestres que a ensinam. Como este Liceu, o Externato de Moscavide. Um meio pobre e pequeno, não quer ficar atrás. Cem para nós e cem para o Calvário. Mais o que hão-de dar aos Pobres que visitam. Ali ensina-se ao vivo o amor ao próximo. Mais um livro de contas para o *Toutinegra*. Mais doze cobertores e outra vez mais quatro e de Parede mais 2 lençóis e mais o mesmo quando lá fomos buscar o Senhor Artur para o Calvário.

Da Fábrica da Abelheira uma remessa de panos de lã. Duas

a resposta que levamos à inquietação que nos pergunta: «Se não amarmos nem nos dermos, dando, o que será de nós, os «felizardos» da vida morta?...».

máquinas para fazer cobertores e mais mil pelo Natal.

Mais 50\$ de «acção de graças pelo Sr. Torres ter completado 40 anos de serviço na Mobil». Estes cinquenta fazem parte da prenda dada a um colega. No Montepio tudo que lá foi dar. O casal de S. Jorge de Arroios cem, anónimo 20\$00. Anónimo de Nampula, 50\$. Parte do honorário de um jovem médico 350\$. Entregue na Policia 267\$00. Mais três sacos de pão da Rua Buenos Aires, mais bolo-rei e outros e pão e 400\$00 pelo Natal. Roupas e uma caixa de vinho do Porto para o Natal e brinquedos e mais da mesma família do ano passado. Ana Godinho mil. Duas caixas de conservas do Instituto delas, com promessa de mais, que aguardamos agradecidos. Do Sr. Governador Civil 6.000\$. Livros novos e roupas. Dos Capristanos vinte viagens para o nosso vendedor de Caldas. Muito nos poupa.

Da senhora das Carrapoches várias vezes cem e vinte e mais cortes de pano para roupas e mais 1.500\$ pelo Natal, que o Sr. Canas nos trouxe. Mais da Senhora do Luis e pessoas amigas que vieram trazer bolos 250\$. Visita amiga com roupas e desobriga com 80\$. Uma filha amiga por alma de seus pais mil.

Dos correios da Praça de D. Luis para a Casa dos C. T. T. 1.500\$. Senhora do pão no dia de todos os Santos 5 quilos de figos, as. 7493 para o Natal, 1.500\$. Carne e mais coisas. Duma senhora que pede três Avé-Marias. Promessa a Santa Filomena 250\$. Da senhora das camisolas 50\$. M. Magiochi 100\$ para laranjas. Cobertores de M. Camilo e o Sr. Eng.º da Purfina e mais roupa aos vendedores. Mais roupa e coisas em casa da D. Alice de Moscavide. Mais roupa no Lar e quatro cobertores queotinhos e bons. Da T. W. A. cem. A. Resende 25\$. «Envio esta esmola para a vossa Obra» 2.500\$. A carta andou por Porto de Mós, Sacavém e por fim chegou intacta.

Bendito seja Deus que nos protege.

Padre José Maria